

Marcos Cordioli

[marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

Definir *árabe* não é uma tarefa simples, embora, em princípio, represente os descendentes da etnia dos povos fixados na Península Arábica, a mais de 3.500 anos. No entanto, islamismo, uma religião dos árabes, assim como a cultura e a língua espalharam-se por extensas regiões do norte da África e da Ásia, mesclando-se e constituindo heterogeneidades culturais, sendo, atualmente, impossível encontrar os limites efetivos entre árabes e não árabes. Hoje, os muçulmanos (assim se denominam os adeptos do islamismo) representam 25% da população do planeta. Há 17 países no mundo de população majoritária de árabes e em 59 o islamismo é a religião com maior número de adeptos.

No Brasil os primeiros imigrantes árabes, que chegaram ao nosso país (a partir de 1880) portavam passaporte do Império Turco, e foram, genericamente, registrados como *turcos*, pelos serviços de imigração. Ainda hoje, a nossa população tem dificuldade em distinguir os descendentes de egípcios, palestinos, sírios, libaneses, iranianos e iraquianos e os próprios turcos.

Os árabes, ao se fixaram no deserto da península arábica a 3500 anos, basicamente estavam divididos em dois grupos: os que viviam em centros urbanos e os que eram beduínos – comerciantes e pastores

nômades do deserto. Os laços de unidade étnica eram basicamente pela língua comum e estrutura religiosa semelhante caracterizada pela crença em entes sobrenaturais (como os “**djins**”, gênios, anjos e demônios) e o culto aos seus ancestrais, compondo panteão de deuses diferentes em cada tribo. Em cada cidade, no entanto, havia sempre uma “casa de deus”, para que os viajantes pudessem adorar seus deuses quando estivesse longe de suas comunidades. A estrutura religiosa e de governo era administrada por conselhos formados por representantes das famílias mais poderosas.

No século VII, Maomé (570-632), estabeleceu as bases de uma nova religião com influências do judaísmo, cristianismo e masdeísmo. Do judaísmo e do cristianismo adotou-se muitas das tradições e, fundamentalmente, a concepção de monoteísta de Deus, unipontente e unipresente. Do masdeísmo herdou a crença de que as forças da natureza eram influenciadas e estavam em luta por dois princípios básicos: o do bem e do mal em eterna contradição. Das tradições judaicas e cristãs, o islamismo absorveu as tradições de alguns profetas, ente eles Moisés. Jesus Cristo é também considerado como profeta com o poder de fazer milagres, mas não é reconhecido em sua divindade e nem como filho de Deus.

Publicado como:  
CORDIOLLI, Marcos. Quem são os árabes? *Mundo Jovem*, 11 (246), maio 2004. p. 9.

---

Marcos Cordioli é historiador (UFPR) mestre em educação (PUCSP). Professor e conferencista. É produtor de cinema e estuda fotografia.

---

Contatos com o autor:

*email:*

[marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

*fone:* +55 (41) 9962 5010

*home page:*

<http://cordioli.wordpress.com>

*twitter:* [twitter.com/marcoscordioli](https://twitter.com/marcoscordioli)

*myspace:* [www.myspace.com/marcoscordioli](http://www.myspace.com/marcoscordioli)

*facebook:* [Marcos Cordioli]

**marcoscordioli**

*A Casa de Asterion*

---

Os princípios do Islamismo implicavam ao convertido ser submisso a vontade divina (islamismo significa “submissão à vontade de Deus”). Estas vontades teriam sido transmitidas a Maomé, como profeta, que as sistematizou no Corão.

Entre os princípios do muçulmano, estão a necessidade de: o convertido ao islamismo, fazer a declaração pública de sua crença em Deus e que Maomé seria profeta (profissão de fé, ou *chabada*); participar dos rituais coletivos de preces comunitárias (as *salat*); pagar tributos (*zakat*) aos conselheiros da comunidade (que posteriormente se fez ao Estado Islâmico). Entre os compromissos básicos instituiu outros rituais como o jejum no mês do Ramadã; e a exigência de pelo menos uma peregrinação a Meca durante a vida (condicionada as possibilidades financeiras dos fiéis).

Após a morte do profeta, foi organizada a *sunna*, a lei oral do Islã, que estabeleceu as bases da tradição e jurisprudência da sociedade islâmica; dentre esses princípios, destaca-se a “Guerra Santa” ou *Djihad*, compromisso de defesa do Islã diante dos perigos impostos por *infieis*.

Pregador dedicado, Maomé, fez mediações com a cultura e as crenças árabes, atraindo número expressivo de fiéis, mas entrou em conflito com a Aristocracia de Meca. Em 622, Maomé foi forçado a abandonar Meca, em direção a Iatreb (posteriormente rebatizada para Medina), mas consolida a inserção do islamismo entre os árabes. Este evento da fuga, denominada *Hégira*, foi adotado como o *ano zero* do calendário muçulmano. Nos dez anos que seguiram, Maomé conseguiu a unificação política dos árabes, num processo que se concluiu em Meca 10 anos depois da *hégira*.

Após a morte de Maomé, o Estado Islâmico, por ele fundado, em pouco tempo se tornou uma teocracia, cujo governo centralizava as atividades políticas e militares, ampliando os seus domínios a territórios além da península Arábica. Conquistou Jerusalém e o restante do Mediterrâneo oriental, o Egito e a Mesopotâmia, expandiu-se para o Oeste chegando até a península Indiana, e a Leste, por toda a África do Norte, a península Ibérica, a Sicília e os Balcãs.

As disputas após a morte de Maomé, também ocorreram no âmbito teológico. A Assembléia dos Conselheiros escolheu Abu Bakr Abu Beker (573-634) como o primeiro Califa, mas um grupo minoritário, com preferência por sucessão por hereditariedade sanguínea, fez a opção por Ali, primo do profeta, e seu genro (casado com a sua filha Fátima). Os apoiadores de Ali ficaram conhecidos como xiitas (que seriam os seguidores, no caso de Ali) e os demais como sunitas (os ortodoxos), estes ainda passaram a se constituir em quatro escolas de jurisprudência teológica (Hanafita, Hanbalita, Maliquita e Chafita). Para os xiitas, Ali e Fátima, foram sucedidos por doze imanes (um dos ramos dos xiitas são denominados de duodécimos) e que estes seriam mediadores entre os seres humanos e Alá, enquanto que para os sunitas não haveria nenhum mediador além de Maomé. Desses, 83% são sunitas e dezesseis por cento xiitas. Os xiitas constituem a maioria da população no Irã, Iraque e Bahrein e são o maior grupo populacional muçulmano no Líbano.

Os árabes buscavam a conversão dos súditos, de seu império, ao islamismo e adoção da língua árabe, sendo que aqueles que rejeitassem não eram perseguidos, mas pagavam uma carga tributária bem maior. No entanto, os governos locais continuaram administrados pelos anciãos das comunidades e não houve a

organização de um clero (a exceção na facção xiita), com que estes também realizassem oficiamento dos cultos e cerimônias.

As disputas pelo poder político no Império levaram as mudanças de dinástias. A dinastia dos Omíada chegou ao poder em 660, transferindo a Capital de Medina para Damasco e constituindo o califado (o governo dos califas, “sucessores de Maomé”). Os Abássidas substituíram os Omíada e transferiram a Capital, desta vez, para Bagdá. No final do século VII houve a fundação do Emirado de Córdoba (em 756), um Estado Islâmico Independente do Império. Os mamelucos (ex-escravos islamizados e agregados ao exército) tomam o poder no Egito. Os Turcos, originários de tribos guerreiras que migraram para os territórios árabes, foram islamizados e incorporados às forças militares, assumiram, no século XI, o controle da Arábia, Palestina, Líbano e Síria formando o Império Turco Otomano, constituindo o sultanato (governo dos sultões, “aquele que governa”), e efetivou a destruição do que restava do Império Bizantino no final do século XV. Ocupou, também, importantes regiões do Cáucaso e da Península Balcânica na Europa (chegaram a sitiar Viena, no seu momento máximo de expansão). Entre os séculos X e XV o Império viveu diferentes fases de expansão e retração territorial. Entre estes os conflitos com os Mongóis que dominam os territórios a Leste da Mesopotâmia, no século XIII, chegando inclusive a Bagdá (em 1250); Com os cristãos europeus que retomaram a península ibérica em conflitos entre os séculos XI e XV (1492). Alguns anos depois os portugueses atacam territórios muçulmanos na África e na Índia (1502), por extensão destes conflitos.

Os turcos vão recuar de suas possessões nos Bálcãs apenas no final do século XIX, mas deixando o islamismo

presente em grande parte da população. Com a exceção da Turquia (convertida em Republica em 1923) no século XX os territórios islâmicos e árabes estavam sob domínio europeu (britânico, russo e francês). No século XX, diversos processos independentistas foram empreendidos pelos povos islâmicos e árabes, constituindo diversos países.

Em 1948 é fundado o Estado de Israel, provocando uma série de conflitos entre árabes e judeus que ainda permanece. Em 1979, o Irã, foi o palco de uma revolução islâmica, constituindo novamente um estado teocrático de orientação xiita, e em 1996, a guerrilha do Taliban chegou ao governo do Afeganistão (destituída em 2002), estabelecendo outro estado teocrático, este de orientação sunita. Assim, a ortodoxia islâmica, voltou a cena política, tornando-se num dos pontos de tensão do equilíbrio político e econômico mundial.

---

### Nota do autor

O autor agradece:

1. a comunicação de erros.
2. opiniões sobre o texto, inclusive sobre passagens com redação inadequada.
3. o envio de textos dos leitores no qual o autor foi citado.

E-mail para contato: [marcos.cordioli@gmail.com](mailto:marcos.cordioli@gmail.com)

As publicações do selo A Casa de Asterion podem ser livremente copiadas digitalmente ou por fotocopiadoras. No entanto, não podem ser vendidos. Os autores disponibilizam estas publicações como esforço para a democratização da informação e do conhecimento.

**marcoscordioli**

*A Casa de Asterion*